

# Referenciação no Texto Descritivo<sup>1</sup>

---

Sueli Cristina Marquesi  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Universidade Cruzeiro do Sul

## Resumo

Neste trabalho, temos por objetivo propor uma reflexão teórico-metodológica sobre a referenciação em tipos ou seqüências textuais descritivas que entram na constituição de gêneros textuais diversos. Situada no campo da Lingüística Textual, a discussão toma por base os seguintes pressupostos: i) o texto é um universo de relações seqüenciadas, porém não lineares; ii) a referenciação é uma atividade que consiste na (re)construção de objetos-de-discurso; iii) as expressões referenciais são de significativa importância na progressão textual, orientação argumentativa e construção do sentido dos textos; iv) o descritivo é um tipo textual onipresente nas práticas comunicativas do dia-a-dia que tem uma organização definida por categorias e regras que lhes são próprias. Os resultados apontam para a importância do modo de constituição de expressões nominais referenciais em gêneros textuais marcados por seqüências descritivas, tendo em vista a função de orientação argumentativa ao retratar o objeto descrito de uma determinada maneira dentre tantas outras possibilidades.

**Palavras-chave:** Lingüística de Texto; texto descritivo; tipo textual.

## Abstract

In this work, we have the purpose of proposing a theoretical-methodological reflection regarding referencing in descriptive textual types or sequences that are involved in the constitution of textual genres. Situated in the field of Textual Linguistics, the discussion is based on the assumptions that follow: i) the text is an universe of sequenced relation, non-linear though; ii) referencing is an activity consisting in (re)construction of discourse-objects; iii)

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no VII Congresso Latinoamericano Estudos do Discurso — ALED 2007 — Horizontes de Sentido, em 17/09/2007, como parte da Mesa "Questões de Referenciação", Coordenada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ingedore G. V. Koch.

referential expressions have significant importance to textual progression, argumentative orientation, texts meaning construction; iv) description is a textual type omnipresent in day-by-day communicative practices and it is organized by categories and rules particular to it. The results point to the importance of the way of nominal referential expressions constituency occur in textual genres marked by descriptive sequences, considering the argumentative orientation function on drawing the described object by a certain way among many other possibilities.

**Key words:** Textlinguistics; descriptive text; text type.

## **Résumé**

Dans ce travail nous avons pour but de proposer une réflexion théorique-méthologique sur la référence dans des types ou séquences descriptives qui participent à la constitution de divers genres de textes. Située dans le domaine de la Linguistique Textuelle, la discussion est basée sur les presupposés présentés ci-après i) le texte constitue un univers de relations séquentielles, pourtant non linéaires; ii) la référenciation est une activité que consiste à (re)construire des objets-de-discours; iii) les expressions référencielles ont une importance significative pour la progression textuelle, l'orientation argumentative et la construction des sens des textes; iv) le descriptif est un type textuel omniprésent dans les pratiques communicatives au quotidien qui ont une organisation définie par des catégories et des règles propres. Les résultats indiquent l'importance de la manière de constitution des expressions nominales référencielles dans des genres textuels marqués par des séquences descriptives, compte tenu de l'orientation argumentative en traçant l'objet décrit d'une façon déterminée parmi tant d'autres possibilités.

**Mots-clés:** Linguistique Textuelle; texte descriptif; type textuel.

## **1. Considerações iniciais**

Este trabalho dá continuidade a estudos que vimos desenvolvendo sobre o texto descritivo, sob o enfoque da Linguística Textual, há mais de uma década.

Num primeiro momento, ainda inseridos no campo dos estudos das Tipologias Textuais, a partir de investigação sobre o descritivo na enciclopédia, na publicidade e na literatura, definimos a superestrutura do Descritivo, concluindo que o tipo descritivo ou sequência descritiva se organiza por três categorias: a Designação, a Definição e a Individuação (Marquesi 2004).

Em momento posterior, já inseridos no campo dos estudos do texto como evento comunicativo (Beaugrande 1997), sob o ponto de vista sócio-cognitivo-interacional, a partir de estudos sobre o descritivo em diferentes

práticas sociais, avançamos na reflexão teórico-metodológica e concluímos que o tipo descritivo ou seqüência descritiva (Adam 1987) apresenta-se como elemento constitutivo de diferentes gêneros textuais e, conseqüentemente, como estratégia significativa para o ensino de língua, seja em situação de leitura, seja em situação de escrita (Marquesi; Elias 2006).

A mudança do foco de investigação sobre o descritivo, passando de uma preocupação com sua organização, enquanto tipo de texto, para uma preocupação com os diferentes gêneros em que o descritivo se faz presente, com suas manifestações em diferentes práticas discursivas, nos levou a pontuar, ao final do último trabalho, três questões que consideramos importantes de aqui serem retomadas:

- O que lingüisticamente diferencia o tipo descritivo dos outros tipos textuais?
- Existem marcas de superfície específicas do tipo descritivo?
- Em caso afirmativo, quais seriam essas marcas?

Essas três questões, relacionadas a dois dos temas centrais da agenda da Lingüística Textual neste início de século: 1) a referenciação; e 2) a construção de sentidos, nos levaram a delimitar o escopo do presente trabalho: a referenciação no descritivo, já que consideramos que as expressões referenciais são de significativa importância na progressão textual, orientação argumentativa e construção do sentido dos textos.

Desta forma, neste trabalho, temos por objetivo estudar a referenciação em tipos ou seqüências textuais descritivas que entram na constituição de gêneros textuais diversos, tomando por base os pressupostos de que: i) o texto é um universo de relações seqüenciadas, porém não lineares; ii) a referenciação é uma atividade que consiste na (re)construção de objetos-de-discurso; iii) as expressões referenciais são de significativa importância na progressão textual, orientação argumentativa e construção do sentido dos textos; iv) o descritivo é um tipo textual onipresente nas práticas comunicativas do dia-a-dia que tem uma organização definida por categorias e regras que lhes são próprias.

Para o desenvolvimento do presente trabalho, propomos sua apresentação em três partes: na primeira, discutimos aspectos teóricos relativos à referenciação, orientando-nos por Mondada e Dubois (2003), Koch (2004) e Marcuschi (2003; 2005); na segunda, analisamos o processo de referenciação em textos descritivos, de diferentes manifestações discursivas; na terceira, apresentamos uma reflexão sobre a análise realizada, apontando perspectivas para novos estudos.

## 2. Sobre a referenciação: uma perspectiva teórica

Para situar a perspectiva teórica que ampara nossa concepção sobre a referenciação e orienta a análise que realizaremos, estabelecemos um diálogo com Mondada e Dubois, Koch e Marcuschi, estudiosos que vêm se dedicando ao tema em sua dimensão mais ampla.

Mondada e Dubois (2003) situam duas linhas argumentativas para o tratamento da referenciação. A primeira trata da categorização, por meio da qual os sistemas cognitivos dão uma estabilidade ao mundo; e a segunda trata de uma perspectiva lingüística interacionista e discursiva, por meio da qual os processos de referenciação são analisados em termos de construção de objetos de discurso e de negociação de modelos públicos do mundo.

Neste sentido, tratar da referenciação exige que pensemos não apenas na abordagem lingüística, mas também na cognitiva, estando ambas estreitamente imbricadas, já que são concernentes às práticas e aos discursos. A referenciação, assim como a categorização, assume, pois, um caráter de prática simbólica, necessariamente passando pela leitura de mundo do autor.

Numa retomada a trabalho anterior (Mondada 1994), as autoras destacam que a referenciação é concebida como uma construção colaborativa de objetos do discurso, ou seja, objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas.

Desta forma, outro elemento assume igual importância para o tratamento da questão: o contextual, uma vez que este tem relação direta com as escolhas lexicais e com a organização estrutural das categorias cognitivas.

De um ponto de vista psicológico, isto é, dependente da cognição do indivíduo, as autoras ressaltam a necessidade de se levar em conta as instabilidades individuais, deixando-se, assim, de se tratar a variabilidade como um erro ou como uma contradição em relação às etiquetas que serão mais verdadeiras que outras ou que reenviarão aos objetos reais.

Em termos de processos de categorização, pode-se dizer que uma categoria prototípica ou estereotípica é, primeiramente, considerada como a base mais disponível e compartilhável para a comunicação; em seguida, são operadas modificações que fazem a entidade passar de um ponto central de seu domínio semântico para um ponto periférico, ou que provoca uma recategorização radical.

Neste sentido, há um processo de ajustamento das palavras que não se faz diretamente em relação ao referente dentro do mundo, mas no quadro contextual, a fim de construir o objeto de discurso pelo curso do próprio processo de referenciação (Mondada 1994).

Não se pode mais considerar nem que a palavra ou a categoria adequada é decidida *a priori* no mundo, anteriormente a sua enunciação, nem que o locutor é um locutor ideal que está simplesmente tentando buscar a palavra adequada dentro de um estoque lexical. Ao contrário, o processo de produção das seqüências de descritores em tempo real ajusta constantemente as seleções lexicais a um mundo contínuo, que não pre-existe como tal, mas cujos objetos emergem enquanto entidades discretas ao longo do tempo de enunciação em que fazem a referência. O ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a este contexto.

Koch (2004), ao estudar a referenciação, explicita sua concordância com Mondada e Dubois, dando destaque ao fato de que a categorização deve ser vista como um problema de decisão que se coloca aos atores sociais, no sentido de que a questão não é avaliar a adequação de um rótulo correto, mas descrever os procedimentos lingüísticos e cognitivos por meio dos quais os atores sociais constroem os referentes.

Neste sentido, tanto Koch, quanto Mondada e Dubois apontam-nos que as variações no discurso dependem muito mais da pragmática da enunciação do que da semântica dos objetos.

Também nós, neste estudo sobre a referenciação no descritivo, concordamos com Koch na concepção de que a referência deve ser entendida como aquilo que designamos, representamos e sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade.

E, neste sentido, são as reflexões de Koch (2004) que nos dão respaldo: os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer. Os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralingüística, mas (re)constroem-na no próprio processo de interação. Ou seja: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como sociocognitivamente interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com o entorno físico, social e cultural.

Ainda segundo Koch, o uso de uma descrição definida implica sempre uma escolha dentre as propriedades ou qualidades capazes de caracterizar o referente, escolha esta que será feita, em cada contexto, em função do projeto de dizer do produtor do texto (Koch 1984; 1989; 1992; 1997). Trata-se, em geral, da ativação dentre os conhecimentos pressupostos como partilhados com o(s) interlocutor(es), isto é, a partir de um *background* tido por comum, de características ou traços do referente que o locutor procura ressaltar ou enfatizar.

De acordo com Koch (2004), uma das funções textual-interativa das descrições ou formas nominais é a de imprimir aos enunciados em que se

inserir, bem como ao texto como um todo, orientações argumentativas em conformidade com a proposta enunciativa do seu produtor.

O emprego de uma descrição nominal, com função de categorização ou de recategorização de referentes, implica sempre uma escolha entre uma multiplicidade de formas de caracterizar o referente, escolha esta que será feita, em cada contexto, segundo a proposta de sentido do produtor de texto.

Para Marcuschi (2003), a referenciação, assim como a inferenciação e a categorização, é um processo básico, construído em atividades discursivas, que permitem toda a reflexão humana e a análise do próprio pensamento no âmbito da linguagem.

O autor também defende a tese de que não existem categorias naturais, uma vez que não existe um mundo naturalmente categorizado. A realidade, segundo o estudioso, não está segmentada da forma como a concebemos, e as coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros, mas as coisas ditas são coisas discursivamente construídas, e a maioria de nossos referentes são objetos de discurso.

Se a referenciação é uma atividade que consiste na (re)construção de objetos de discurso, podemos ver aqui uma confluência entre o pensamento de Marcuschi (2003) e o de Mondada (1994), uma vez que, também para a autora, a maneira como dizemos aos outros as coisas é decorrência de nossa atuação lingüística *sobre* o mundo, já que as atividades de categorização tem uma dimensão discursiva.

Neste sentido, concordamos com Marcuschi, no que se refere ao fato de que o mundo comunicado é sempre fruto de um agir comunicativo ou de uma ação discursiva e não de uma identificação de realidades discretas, objetivas e estáveis. Trata-se de identificar as formas de nossa inserção sócio-discursiva no mundo. Daí a imensa dificuldade de classificar fenômenos como se fossem fatos de uma realidade autônoma.

O autor postula, ainda, que, se por um lado o mundo físico externo existe, por outro, ele não existe naturalmente na forma como nós o identificamos, pois a identificação dos fenômenos passa pelo filtro de nossas elaborações e, basicamente, de nossa linguagem, e, assim, se observarmos a realidade que nos circunda, concluiremos que sempre designamos os eventos, os fatos, os indivíduos, os objetos físicos, os estados de espírito, o mundo enfim, com nomes que, no geral, são partilhados pela comunidade discursiva que os usa, já que todos os seus indivíduos aprenderam esses nomes dentro das mesmas experiências de vida. Nesse sentido, as categorias são muito mais modelos sociais do que modelos mentais, tendo em vista seu processo de constituição.

Guiado pela premissa de que as referências textuais são construídas no processo discursivo e de que muitos referentes são objetos de discurso construídos no modelo textual, Marcuschi (2005) apresenta-nos o

processo de referenciação implícita, viabilizada por uma estratégia endo-fórica de ativação de referentes novos e não de uma reativação de referentes já conhecidos, o que ocorre por meio da anáfora indireta, que pode ser constituída por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente ou subsequente explícito no texto.

A anáfora indireta, segundo o autor, é um caso de referência textual, isto é, de construção, de indução ou ativação de referentes no processo textual-discursivo que envolve atenção cognitiva conjunta dos interlocutores e processamento local e, neste sentido, as anáforas indiretas não estão, como sempre estiveram, restritas ao campo dos pronomes e da referência em sentido restrito, deixando, pois, de ser apenas repetição de uma expressão ou sintagma, para constituir-se, no texto, em expressões que se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo assim para a continuidade tópica referencial.

### **3. Analisando o processo de referenciação no texto descritivo em dois gêneros diferenciados: publicitário e crônica jornalística**

Os dois textos em análise referem-se à cidade do Rio de Janeiro.

No texto (I), a referenciação expande a intenção de levar os paulistanos a escolherem a cidade do Rio de Janeiro para turismo de fim de semana ou de feriado prolongado. O texto foi escrito em abril de 2007, em meio a muitas situações de violência na referida cidade, e o autor busca recuperar a imagem de “cidade maravilhosa”, para reativar o turismo.

No texto (II), a referenciação expande a intenção do cronista/jornalista Carlos Heitor Cony, de evidenciar a violência da cidade do Rio de Janeiro, escolhendo como pretexto para a expansão de seu texto a vinda do papa ao Brasil, em 2006, em meio a muitas situações de violência na referida cidade, enfatizando que a cidade é hostil a visitas.

Ambos os textos tratam, pois, do referente Rio de Janeiro, mas suas orientações argumentativas distintas levam seus produtores a escolhas diversificadas, as quais são manifestadas por seus respectivos processos de referenciação coerentes com o fio condutor de cada texto.

***Texto I - 50 dicas para curtir o fim de semana no Rio de Janeiro – Revista Veja, 16/04/2007.***

*Os dias são ensolarados, mas o calor começa a amainar. É época perfeita para aproveitar o que a Cidade Maravilhosa oferece de me-*

*lhor, seja num fim de semana, seja no próximo feriadão da Semana Santa. Um dos lugares mais bonitos do mundo, ela tem atrações, como o Corcovado e o Pão de Açúcar, que precisam ser curtidas ao menos uma vez na vida. Mas não é só. Nas páginas a seguir, uma seleção de passeios, restaurantes, bares, programas culturais e, claro, as praias certas para cada perfil de paulistano.*

**Quadro de análise dos elementos lingüísticos de referenciação e suas associações, no esquema do descritivo:**



Quadro elaborado a partir do modelo de Marquesi [2004[1990]], sobre o Tipo Descritivo.

**Texto 2 - Um conselho ao papa** – Carlos Heitor Cony, *Jornal Folha de São Paulo*, 06/11/2006.

É troncado, fala pouco e parece pensar muito. Chama-se Marcos, é motorista de um amigo, volta e meia me dá uma carona. Dele tenho poucas certezas: é fiel ao patrão, fiel até mesmo aos amigos do patrão. Sei pouco sobre ele, além dessa fidelidade e das poucas palavras que se digna pronunciar, como se delas não precisasse.

Tem pavor de balas perdidas, de seqüestros, de qualquer tipo de violência urbana, social ou metafísica, pois tem medo de fantasmas e acredita em espíritos.

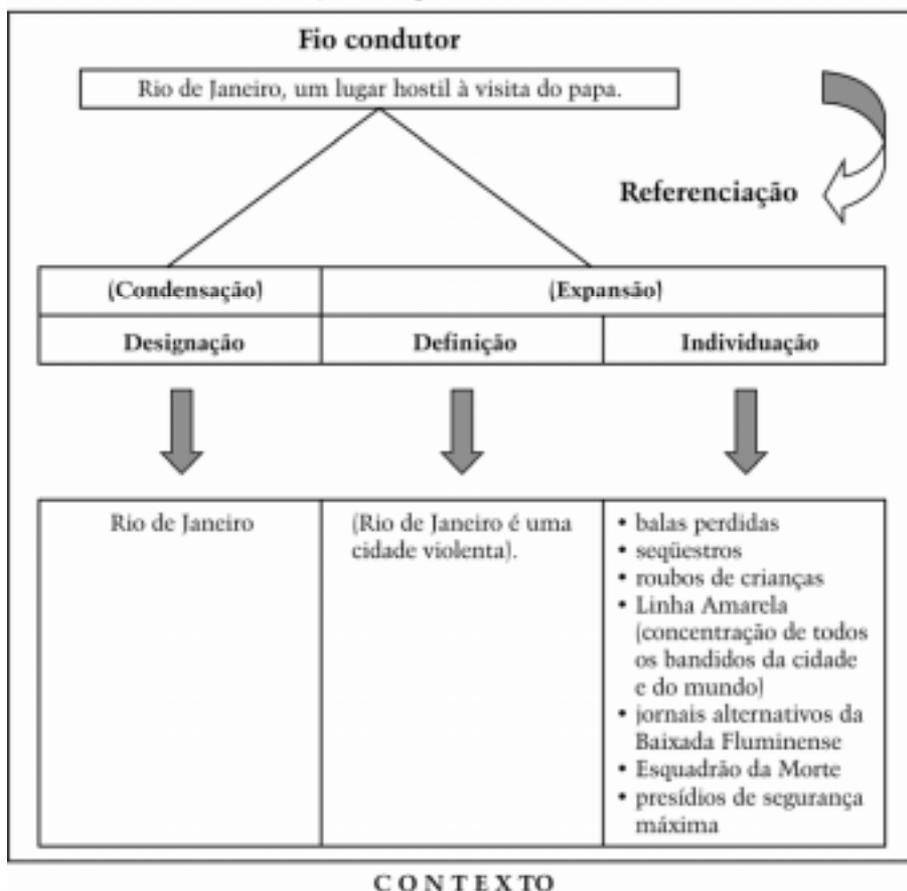
Prefere esganar a mãe a ser obrigado a passar pela Linha Amarela — onde acredita que todos os bandidos da cidade e do mundo se concentram. Lê jornais alternativos da Baixada Fluminense e sabe de coisas que os outros jornais nem ousam suspeitar. Casos de adultério que terminam em facadas, roubo de crianças para revenda na Alemanha, bandos inteiros massacrados por policiais do Esquadrão da Morte — fala pouco, mas sabe muito e eventualmente avisa que um dia vai embora, não sabe ainda para onde.

Leu, também não sei onde, que os presidiários pretendem seqüestrar o papa quando Sua Santidade vier ao Brasil, ano que vem. Farão exigências espúrias e, se não forem atendidos, abrirão uma vaga no almanaque pontifício da Santa Sé.

Pedi detalhes e ele deu o que sabia e imaginava. Um papa preso num desses presídios de segurança máxima. A batina branca, imaculada, suja de sangue — ele seria torturado para convencer o governo de que os presos estavam dispostos a tudo. As autoridades nacionais ficariam borradas de medo de criar um caso de tal magnitude. Fariam acordos abomináveis com os bandidos.

Tentei negar tudo o que ele falava. Ouviu meus argumentos com seriedade, mas encerrou o diálogo com uma advertência que transmito a Sua Santidade: "Eu, se fosse o papa, não colocaria os pés aqui".

**Quadro de análise da referenciação no texto 2**



Quadro elaborado a partir do modelo de Marquesi (2004 [1990]), sobre o Tipo Descritivo.

Embora não haja explicitação do referente no co-texto, o leitor brasileiro o infere por meio das expressões nominais da individuação, relacionadas a “aqui” e a seu conhecimento prévio.

O referente Rio de Janeiro é identificado por um conjunto de informações textualmente construídas, já que o leitor opera com processos cognitivos e discursivos, sendo o discurso o espaço de onde extraímos o conteúdo inferido.

Podemos dizer que as expressões nominais apontam para a cidade do Rio de Janeiro e possibilitam a constituição de um quadro descritivo da cidade como contra-indicada ao turismo.

#### **4. Considerações finais: da análise realizada para novas perspectivas**

As análises realizadas apontam a importância do modo de constituição de expressões nominais referenciais, em gêneros textuais marcados por tipos ou seqüências descritivas, tendo-se em vista a função de orientação argumentativa ao retratar o objeto descrito de uma determinada maneira dentre tantas outras possibilidades.

Uma modificação no contexto levou a mudanças tanto no léxico, como na organização estrutural das categorias cognitivas. As variações exigiram competência do locutor para nomear o mesmo objeto de maneiras variadas, de acordo com cada situação. No caso, Rio de Janeiro foi nomeado diferentemente nos dois textos.

Essa nomeação, orientada pela intenção pretendida em cada um dos textos analisados, preencheu as diferentes categorias do descritivo: a designação, a definição e a individuação.

O Rio de Janeiro descrito em cada um dos textos analisados é fruto de um agir comunicativo ou de uma ação discursiva de seus autores. Em nenhum deles tivemos a identificação de uma realidade discreta, objetiva e estável, mas a identificação de formas de inserção sócio-discursiva no mundo de seus autores.

No processo de referenciação realizado nos textos, em cada um houve um processo de (re) construção do próprio real (Rio de Janeiro) e não um simples processo de elaboração de informações.

Pudemos observar, nas análises, que Rio de Janeiro — um objeto de discurso — constituiu-se de diferentes maneiras, num processo altamente dinâmico, uma vez que sofreu constante transformação, reconstrução e recategorização no curso da progressão textual.

Para a mesma categoria de designação do descritivo – Rio de Janeiro, a expansão textual revelou dados de referenciação correspondentes à categoria de definição e de individuação (maior nos dois textos, em função dos respectivos gêneros).

Por meio da interação com o entorno físico, social e cultural, os autores dos textos construíram o processo de referenciação de Rio de Janeiro orientados por fios condutores distintos: em (1) Rio de Janeiro bom, em (2) Rio de Janeiro ruim.

As escolhas feitas pelos produtores dos textos trazem para nós (leitores) informações importantes sobre suas opiniões, crenças e atitudes, auxiliando-nos na construção do sentido.

Somos, assim, orientados, pelas expressões nominais, entre elas a náforas indiretas, utilizadas nos textos, a relacioná-los com os implícitos, dentro do contexto maior em que os textos se inserem para as leituras possíveis, que a partir dele se projetam.

As expressões utilizadas funcionam, assim, conforme nos assevera Koch (2004), como uma espinha *dorsal do texto*, que permite ao leitor/ouvinte construir, com base na maneira pela qual se encadeiam e remetem umas às outras, um roteiro que irá orientá-lo para determinados sentidos implicados no texto.

Ao concluirmos este trabalho, consideramos que pudemos avançar na direção de que o processo de referenciação no texto descritivo manifestado em gêneros diferentes, corrobora o que Adam (1991) defendeu, quando asseverou que a seqüência descritiva também procede de decisões do agente-produtor orientadas pelo efeito que deseja produzir em seus destinatários. Nos dois textos aqui analisados, vimos que as decisões dos agentes-produtores em (I) e em (II) orientaram os efeitos que desejaram produzir, respectivamente, de ver o Rio de Janeiro como lugar a que se deve ir, e de lugar a que não se deve ir.

A reflexão que ora finalizamos nos permitiu avançar, principalmente, em relação ao Descritivo e suas manifestações em gêneros discursivos diferenciados, apontando para novas questões de investigação, destacando-se entre elas: como utilizar o processo de referenciação no Descritivo para a escrita de textos com propósitos comunicativos diferentes dos aqui estudados.

## Referências Bibliográficas

- ADAM, J. M. 1991. Cadre théorique d'une typologie séquentielle. *Études de Linguistique Appliquée — textes, discours types et genres*, n.83.
- \_\_\_\_\_. 1987. Textualité et séquentialité: le exemple de la description. *Langue Française*, n.74, p.51-72.
- BEAUGRANDE, R. de. 1997. *New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation.
- KOCH, I. G. V. 1984. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez.
- \_\_\_\_\_. 1989. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_. 1992. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_. 1997. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto.

- \_\_\_\_\_. 2004. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, p.51-78.
- \_\_\_\_\_. 2005. Referenciação e orientação argumentativa. In: I.V. KOCH, E.M. MORATO, A.C. BENTES (orgs.), *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, p. 33-52.
- \_\_\_\_\_.; ELIAS, V. M. S. *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARCUSCHI, L. A. 2003. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: H.P.M. FELTES (org.), *Produção de sentido: estudos transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educus.
- \_\_\_\_\_. 2005. Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras. In: I.G.V. KOCH, E.M. MORATO, A.C. BENTES (orgs.), *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, p.53-101.
- MARQUESI, S. C. 2004 [1990]. A organização do texto descritivo em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Lucerna.
- \_\_\_\_\_.; ELIAS, V. M. S. 2006. O descritivo em destaque: bases para uma proposta teórico-metodológica. In: N.B. BASTOS (org.), *Língua Portuguesa — reflexões lusófonas*. São Paulo: Educ, p. 185-192.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. 2003. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: M.C. CAVALCANTE et al (orgs.), *Referenciação*. São Paulo: Contexto, p. 17-52.
- \_\_\_\_\_. 1994. *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets du discours*. Lausanne: Université de Lausanne.